

SBH
Pt 249 + 15
(1/2)
60/10/26
Correio Popular

O pensamento do homem culto assume, quando da análise a que submete o mundo, dois ângulos diversos. O ensaísta e o literato puro, isto é, aquele que faz a literatura como obra de ficção — produto de sua própria sensibilidade — são aqueles que vivem no presente conhecendo seus dados a fim de avaliar o futuro. São pensamentos voltados para a construção de novos horizontes. Aquêloutro homem de letras — o historiador ou ensaísta dos fatos do passado — assume a atitude da estátua de sal — volta-se e pára.

O historiador pode ser realmente apenas o obser-



vador do passado, o espectador. E, via de regra, não se imiscuir nos fatos. Narra apenas, sem deles inferir qualquer dado para a construção da futura equação dos acontecimentos do mundo. Será o autor de conotações à margem da história dos homens.

Mas, geralmente, o historiador é aquele que faz a sociologia do passado para o conhecimento mais significativo do presente, de onde devem partir as raízes do futuro.

Repetem-se os elementos constitutivos de uma posição social, dentro do quadro colorido da vida, e, des-

AO PÉ DA ESTANTE

Caminhos e Fronteiras

Francisco Isolino de Siqueira

te conjunto possível de conclusões ofertadas pelos registros históricos podemos obter quase a receita de uma época que se aproxima.

Este ponto-de-vista deve ser considerado com as necessárias restrições de vez que jogamos com leis sociais, onde o cálculo das probabilidades oferece os mais dispares resultados.

O historiador sagaz reúne qualidade inegáveis para a construção do futuro, ou, pelo menos, para a sua antecipação estrutural. Os estudos da História revelam a tendência crescente da associação dos fatos registrados com as interpretações sociológicas, de cujo quadro se protraí a dimensão justa do pensamento humano em todos os tempos.

O livro de Sérgio Buarque de Holanda oferece características significativas, que o colocam entre os mais eficientes pesquisadores de nossa historiografia. Acrescentamos, por dever de justiça, que o autor de "Raízes do Brasil" não nos oferece apenas o fato histórico, em sua limpidez e singeleza. Em todos os seus livros reúne a honesta contribuição do pesquisador do fato com o ensaísta e poderoso argumentador do futuro. Seus livros se não via de regra registros riquíssimos

de valores históricos não deixam de ser, ao mesmo tempo, contactos com a inteligência que espia o futuro através das janelas coloridas do passado.

Durante a leitura de "Caminhos e Fronteiras" (1) — demoramo-nos propositalmente no encantamento que nos despertaram aquelas páginas, quando o seu autor nos entrega ensaios em que revela facetas inéditas do problema da vida dos índios e mamalucos, das técnicas rurais e no capítulo — O Fio e a Teia — em que estuda as técnicas adventícias e o declínio da indústria caseira, num encontro esplêndido com os problemas enfrentados pela nova civilização que se instalava no Brasil nascente. São estes os capítulos em que se divide a obra, em boa hora lançada pela Livraria José Olímpio Editora, e, que se situa entre as mais ricas no gênero que podemos ler nestes últimos tempos.

Ao estudar os caminhos da colônia Sérgio Buarque de Holanda se detém mesmo na minúcia da maneira de andar dos caboclos brasileiros, dos mestiços e índios, mostrando que estes economizam a energia do corpo na maneira de dispor os pés durante a marcha. Podemos registrar com o autor o cuidado em sentir a vida dos homens brancos quando se embrenham pelo sertão, e, ao encontrar as

aguadas, os veios de água potável ou os reservatórios naturais que as árvores escondem, ou as plantas de folhas gasalhosas.

Realmente, a apicultura nos primeiros tempos não tinha o caráter de trabalho esporádico, senão de vital significação para a colônia e os próprios índios se bem que não tivesse sido, a princípio, cuidadosamente elaborada a indústria. Os índios em suas tribos, como assinala Sérgio Buarque de Holanda, não construíam as colmeias, mas limitavam-se em muitos casos a apenas preparar a árvore abelheira para que nela se localizasse o enxame. Os Pareci da Rondônia utilizavam-se de um processo semelhante à domesticação das abelhas. São estudos e ensaios, estes, que revelam abelhas. São estudos e respeito dos hábitos dos indígenas, dos primeiros colonizadores.

Prossegue Sérgio Buarque de Holanda colocando diante de nossa curiosidade as técnicas da caça e da pesca, os remédios que a natureza oferece aos viajantes e aos europeus que aqui se instalam e que acabam aceitando as mizinhas dos curandeiros, ou, pelo menos, dos entendidos no erário nacional, das frechas, das feras e das doenças que campeavam pelas florestas virgens do país descoberto.

São ensaios, como se não evidência, em que o autor

Correio Popular
26.10.60

estuda os hábitos com a minúcia e o cuidado em que procura revelar os homens, o seu ambiente, o extraordinário mundo da coragem em que viviam os antigos colonizadores, diante das moléstias que os assaltavam, dos próprios índios revoltados, da flora e fauna agressivas.

É um livro de um grande historiador, em que o homem que se voltou para o passado fê-lo certo de que suas revelações, através da análise minudente e inteligente dos fatos e dos feitos, seria útil como o é para a interpretação do presente e antevisão do futuro do País.

E revela, ainda, a inteligente política de Portugal, dos bandeirantes que conheciam a cobiça de seus inimigos e que por isso mesmo mantinham com prejuízo uma rota mais longa para os caminhos de penetração, tão sómente para não abandonar à sua sorte os povoados florescentes que surgiam à margem dos roteiros.

Neste retrato dos homens antigos, dos políticos de Piratininga encontramos muito dos homens do presente destes todos que ainda cuidam dos destinos de seus semelhantes, fazendo, à sua maneira, a nossa história, esta que será o alicerce da de nossos filhos.

Este livro de Sérgio Buarque de Holanda veio consolidar a nossa admiração pelo extraordinário homem de estudo e historiador de valores ponderáveis.

(1) — Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e Fronteiras*, edição da Livraria José Olympio Editôra, do Rio de Janeiro, em sua coleção Documentos Brasileiros.